
Um lugar para os Afetos na Arteterapêutica: relatos de experiência de uma Professora do Ensino Primário em Portugal

A place for Affections in Art Therapy: experience reports from a Primary School Teacher in Portugal

Regiane Rodrigues Araújo
Patrícia Helena Carvalho Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza-CE - Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi aprofundar o entendimento sobre o papel da arteterapia no contexto educacional, explorando o potencial terapêutico das atividades artísticas como ferramenta para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. A metodologia incluiu a análise visual dos desenhos produzidos pelas crianças, juntamente com uma entrevista realizada com uma professora de Arte utilizando a técnica de História Oral. Na análise do *corpus* coletado mediante conversas gravadas, constatamos que, em certas ocasiões, o desenho tem a capacidade de revelar a intimidade do ser, deixando transparecer aquilo que habita o mundo interior da criança. Como resultado, concluímos que há uma necessidade de incluir a arte na infância como uma forma de mediação psicoterapêutica para o desenvolvimento da educação emocional e expressão dos afetos.

Palavras-chave: Afetos; Arteterapêutica; Educação das Emoções.

Abstract

The aim of this study was to deepen the understanding of the role of art therapy in the educational context, exploring the therapeutic potential of artistic activities as a tool for the emotional and psychological development of children. The methodology included a visual analysis of the children's drawings, together with an interview conducted by an art teacher using the oral history technique. In the analysis of the corpus collected through recorded conversations, we found that, on certain occasions, the drawing has the capacity to reveal the intimacy of the being, revealing what inhabits the child's inner world. As a result, we concluded that there is a need to include art in childhood as a form of psychotherapeutic mediation for the development of emotional education and the expression of affections.

Keywords: Affects; Art therapy; Emotional education.

1 Introdução

A presente pesquisa aborda a dimensão afetiva e a expressão das emoções na prática da arteterapêutica, utilizando os desenhos de crianças e os relatos de uma professora de arte do ensino primário em Portugal como base analítica. Este estudo visa aprofundar o entendimento sobre o papel da arteterapia no contexto educacional, explorando o potencial terapêutico das atividades artísticas como ferramenta para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças.

Este trabalho é um recorte de uma tese de doutorado, defendida junto a um programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública cearense, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

No âmbito da problemática deste estudo, nos reportamos a Duarte Júnior (2008, p. 88), que afirma: “A arte é importante para a criança. É importante para seus processos de pensamento, para seu desenvolvimento perceptual e emocional, para sua crescente conscientização social”. Nesse sentido, surge a questão central desta pesquisa: o que a arteterapêutica tem a nos ensinar sobre o desenvolvimento afetivo e a educação das emoções na infância?

Acreditamos que esta pesquisa se justifica pela contribuição da arte enquanto proposta terapêutica, em adição aos estudos sobre a educação pela arte como atividade livre, e também pela possibilidade de a criança expressar seus afetos e emoções, através do exercício da criatividade.

A promoção de atividades livres é essencial para despertar na criança o interesse e a participação, pois, sem interesse não há criatividade. De acordo com Herbert Read (1986, p. 62), é preciso compreendermos que “Sem interesse, a criança não começa a aprender; sem concentração, não é capaz de aprender; e sem imaginação, é incapaz de utilizar criativamente o que aprendeu”. Com isto, torna-se necessária uma consciência social e educacional acerca da capacidade evolutiva e criativa da criança.

A relevância social desta investigação consiste no entendimento de que através da educação pela arte podemos criar uma via de harmonização das emoções, mediante o desenvolvimento da sensibilidade proporcionada pela comparência da arte às atividades educativas e terapêuticas.

2 O sentido filosófico de afetividade

Sobre a natureza e às virtudes dos afetos, expomos algumas concepções de afetividade, consubstanciadas no pensamento de Spinoza, fundamentadas no livro intitulado *Ética*, especificamente, na segunda e terceira partes.

Seguramente, a afetividade é o que nos torna mais humanos, é o que nos permite sair do conhecimento puramente teórico para o prático. Concebe-se, entretanto, a ideia de que a todo momento somos afetados pela existência e pelas ações do cotidiano. Embora isso ocorra de maneira diversa, “O corpo humano é afetado pelos corpos exteriores de muitas maneiras. Dois homens podem, portanto, ser afetados, no mesmo momento, de maneiras diferentes. Logo podem ser afetados diferentemente por um só e mesmo objeto” (Spinoza, 2013, p. 131).

Dessa forma, é possível retomar a Arte com suas múltiplas significações relacionadas às sensações, pois ela nos concede o contato com a experiência dos afetos por via da contemplação, que nos causa diversas sensações de prazer ou contentamento. Desse modo, “O conhecimento do bem e do mal nada mais é do que o afeto ou alegria ou de tristeza, à medida que dele estamos conscientes”. (Spinoza, 2013, p. 163).

A esse respeito, considera-se que o afeto também é pertinente à razão e ao consciente. Isto se faz expresso, quando temos consciência de que somos afetados por emoções correspondentes a tristeza ou alegria. Então, surge a tomada de consciência. Portanto, a afetividade está concatenada à razão e à subjetividade. Spinoza (2013, p. 102-103) argumenta acerca dos ensinamentos por via da experiência e da razão:

Assim, a própria experiência ensina, não menos claramente que a razão, que os homens se julgam livres apenas porque estão conscientes de suas ações, mas desconhecem as causas pelas quais são determinados. Ensina também que as decisões da mente nada mais são do que os próprios apetites: elas variam, portanto, de acordo com a variável disposição do corpo. Assim, cada um regula tudo de acordo com o seu próprio afeto e, além disso, aqueles que são afligidos por afetos opostos não sabem o que querem, enquanto aqueles que não têm afeto são, pelo menor impulso, arrastados de um lado para o outro. [...].

Com isso, vale compreender que as ações advindas do pensamento passam também pelo corpo por meio do movimento e do sentir, complementando-se por via da interação corpo e mente. Sendo assim, o Filósofo neerlandês deixa evidente a noção de que a mente age mediatizada pelas lembranças conscientes ou inconscientes, do mesmo modo que o corpo também é um repositório que nos conduz à lembrança de algo ou alguém.

3 Metodologia

O *locus* desta pesquisa se deu em Lisboa-Portugal, onde entrevistamos uma professora de Arte – docente do ensino primário e da educação especial. Durante a entrevista, ela compartilhou conosco seu trabalho com crianças por via da educação pela arte na perspectiva terapêutica.

A participante de nacionalidade portuguesa, foi professora no Colégio Eduardo Claparède e no Jardim Infantil Pestalozzi. Colaborou com instituições como a Clínica Infantil do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa; Hospital Júlio de Matos; Centro Infantil Helen Keller; Casa da Praia – Externato de Pedagogia Terapêutica; Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Dona Estefânia.

Na segunda metade do século XX, a citada Professora trabalhou com o pedopsiquiatra lusitano João dos Santos, especificamente no tratamento do comportamento de crianças, como está descrito no livro sob o título *Higiene Mental na Escola* de autoria do psiquiatra infantil.

Assim, partilhou conosco suas memórias docentes por meio de entrevista, além de nos apresentar o acervo pessoal de desenhos e pinturas infantis, os quais fazem parte da sua trajetória histórica como professora de Arte. Desse modo, seu trabalho pautou-se na arteterapêutica como espaço de expressão da criança, e sobretudo, educação das emoções.

Nesse sentido, justificamos a escolha da metodologia adotada neste estudo, a qual se refere à entrevista pautada nos princípios da História Oral. De maneira que “A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial” (Thompson, 2002, p. 307).

Em nossa fundamentação metodológica, ancoramos-nos na ideia de que a oralidade é uma fonte de pesquisa viva, permeada pela subjetividade, e se faz essencialmente por meio de fontes genuinamente humanas e não somente materiais, constituídas no cotidiano da vida em sociedade, “a oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade”. (Certeau *et al*, 2013, p. 336).

Nesse aspecto, o citado método revela sua peculiaridade ao constatarmos que:

[...] a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (Alberti, 2013, p. 30-31).

Com base nisso, a História Oral foi um dos métodos escolhidos devido à sua capacidade de nos permitir refletir sobre o que já foi vivido, sobre as experiências de arte e afeto tão ocorrentes nas declarações da participante desta pesquisa. Assim, “[...] o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória” (Ferreira e Amado, 2017, p. 14).

Nesse mesmo raciocínio, Araújo e Holanda (2021, p. 8) acrescentam que, “Quando se adota a história oral como metodologia de pesquisa, logo se deixa seduzir pelo cotidiano e suas práticas, pois a narrativa se ancora na pujança da vida cotidiana”. Assim, a oralidade é a memória falada, a conexão entre passado e presente.

Em relação à análise e a leitura dos desenhos das crianças, consideramos as palavras de Ferraz e Fusari (2009, p. 141), quando explicam que “A metodologia educativa na área artística inclui, portanto, escolhas pessoais e profissionais do professor”. Dessa maneira, a forma como a professora entrevistada desenvolveu seu trabalho junto às crianças reflete a sua experiência pessoal com a educação pela arte.

Destarte, “[...] a experiência também pode ser entendida como essa vivência que localiza o sujeito no tempo presente” (Sousa e Dolci, 2023, p. 5). As experiências, portanto, moldam nossa identidade, transformando-as em memórias, narrativas do cotidiano; são saberes que vêm de fora para dentro.

Em concordância aos critérios éticos da Pesquisa Científica, foi solicitado à Professora participante deste estudo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Porém, com o intuito de preservar a identidade da docente, optamos por referi-la apenas como “Professora”.

4 O desenho infantil como expressão dos afetos e emoções

Stern (1974, p. 99) nos ensina que “Para os psicólogos, a pintura de crianças é um meio de estudo, em certos casos um meio de aproximação e mesmo de terapêutica”. Conforme anuncia a citação, a arte na infância pode ser também um meio terapêutico, uma vez que não há intenção em formar artistas, sim dar a todos o direito de criar e imaginar por meio da arte.

Para a Professora participante deste estudo, o pedopsiquiatra lusitano João dos Santos, com quem trabalhou em algumas instituições em Portugal, compreendia a arte como

expressão livre para a criança. Portanto, ela acredita que: “ele tem exatamente esta ideia que através da criação, a criança liberta os seus medos, os seus problemas psíquicos”.

Desse modo, “A livre experiência permite à criança uma maior liberdade de expressão emocional e, conseqüentemente, uma base sólida para as aquisições do conhecimento”. (Santos, 1957, p. 45). Assim, a criança que é educada na liberdade, em um espaço onde há permissão para exprimir sentimentos, a aquisição do conhecimento lhe vem com maior clareza, ela se abre ao novo, ao diferente, com maior facilidade.

Em entrevista concedida aos pesquisadores, a citada Professora narrou algumas de suas experiências no tratamento comportamental de crianças em contexto escolar, no qual se utilizou a arteterapêutica. Na ocasião, ela nos mostrou alguns cadernos com desenhos feitos pelas crianças.

Foi solicitado à criança que construísse uma história sobre o que fora desenhado. Optamos por não identificar as crianças autoras dos desenhos com o intuito de preservar suas identidades.

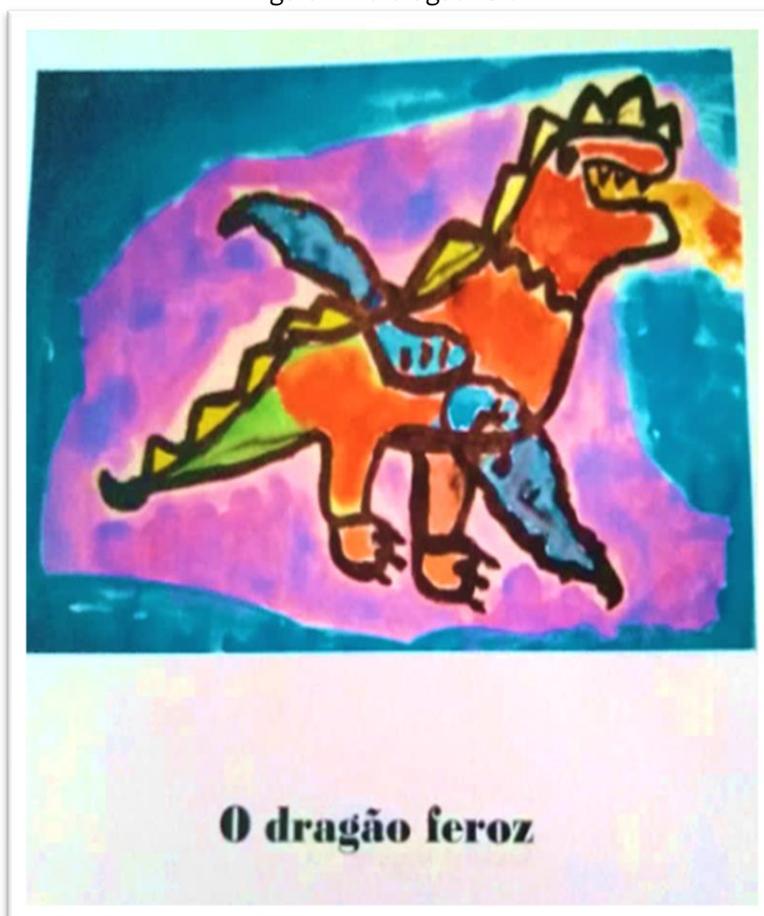
Figura 1 – Ponte amiga



Fonte: Arquivo pessoal – Professora entrevistada

[...] veja, esta criança aqui, que se isolava, que tinha dificuldade de comunicação e que, depois, ele(a) faz aqui uma ponte. Isto é um carrinho. É uma senhora a empurrar, repara, e ele(a) era filho(a) único(a), tinha grandes preocupações em relação à ansiedade da mãe, que tinha medo que, acontecesse alguma coisa [...]. Um automóvel e a ponte amiga, percebe. Vê o valor simbólico da criação para trabalhar os nossos afetos e os nossos problemas. (informação verbal).

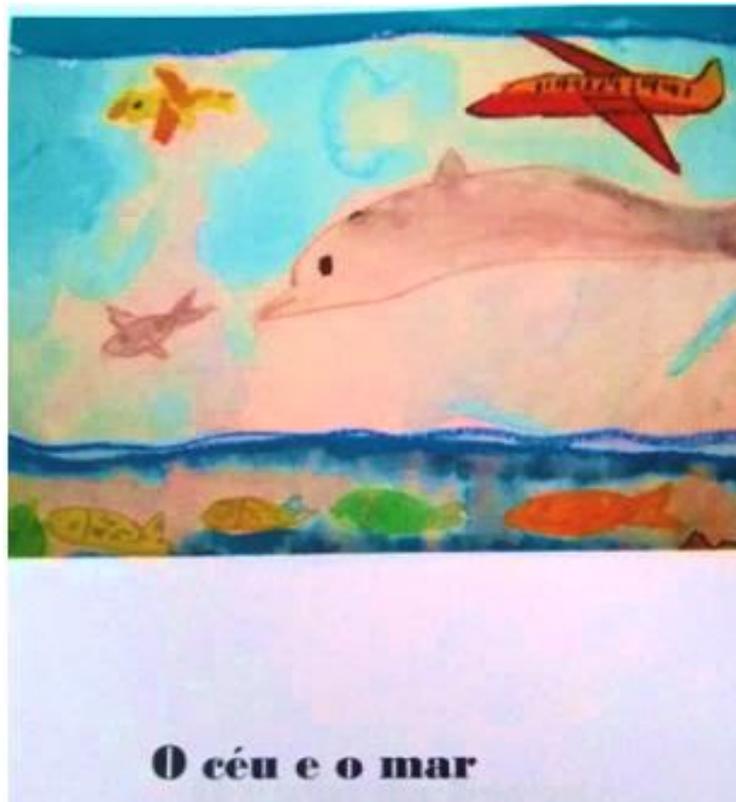
Figura 2 – O dragão feroz



Fonte: Arquivo pessoal – Professora entrevistada

[...] ele(a) chegava ao pé de mim e põe-se a pintar cores, só a lista de cores e dizia “esta é a imaginação, esta é a maldade”. Sim, era isto. “Esta aqui é a aflição”. E aquilo começou por ser só tiras de cores. [...] e depois foi estilizando por dizer “isto aqui está tudo mal”, quer dizer, ele(a) punha naquilo que fazia, que pintava, que desenhava as suas angústias. Ele(a) tinha uma angústia enorme. [...] trabalhava muito abstratamente, não existiam figuras. A princípio não tinham figuras, não era figurativo. [...], mas eu deixei, eram manchas de cor que ele(a) definia sobretudo a cor. E eu deixei que aquilo progredisse e depois foi andando, foi se formando [...]. (informação verbal).

Figura 3 – O céu e o mar



Fonte: Arquivo pessoal – Professora entrevistada

Figura 4 – Magia de Inverno



Fonte: Arquivo pessoal – Professora entrevistada

*É uma criança que [...] não consegue estar sentada [...] tem um mal-estar interno, mas foi através disso que eu lhe conto que ele(a) começou a contar histórias e a desenhar. Eram sempre histórias um bocado indizíveis, uma imaginação enorme. Normalmente apareciam animais humanizados, portanto, os animais é que personalizavam afetos, [...] eram histórias com animais em que ele(a) era feliz ou não era feliz, muito interessante [...]. **E aquilo que digo que foi, de fato, a possibilidade terapêutica através da arte.** (informação verbal)*

É através da expressão e da criação que nós podemos equilibrar as emoções. (informação verbal).

Nos desenhos, nas histórias elaboradas e nos casos narrados, é possível identificar a arte como experiência de mediação terapêutica, pois a técnica utilizada pela Professora participante, aponta que, por meio da livre expressão, gradualmente a criança consegue harmonizar as emoções. Nesse aspecto, “Há um reconhecimento universal de que a arte é seletiva. Ela o é por causa do papel da emoção no ato expressivo”. (Dewey, 2010, p. 157). São essas as conexões que fazemos da arte com a terapia, pois a arte permite à criança lidar com os medos e enfrentá-los por meio da expressão plástica, da criação e da narração de suas histórias.

Matana; Carlesso e Guazina (2023, p. 215) explicam que “[...] a arteterapia colabora para o desenvolvimento integral do indivíduo a partir de seu potencial criativo e transformador presente na arte; a expressão simbólica e imagética [...]”. Portanto, a presença da arte na infância e nas atividades educativas servem, também, como mediação psicoterapêutica para o desenvolvimento humano.

Todos os desenhos aqui mostrados têm peculiaridades inerentes aos seus autores ou autoras. São figuras matizadas por emoções, medos, alegrias, tristezas e frustrações de quem as fez. Representam imagens e histórias emolduradas em cadernos coloridos por sonhos infantis.

Nesse comenos, observa-se a riqueza do desenho infantil e a grandeza da imaginação que, por meio do desenho são capazes de simbolizar tanto o real como o imaginário. Para Bachelard (2003, p. 131), entretanto, “A imaginação é anterior à memória”, vos confirmo que o é, pelo fato de que a memória traz o já vivido, enquanto a imaginação é ainda o desejo do porvir, logo, a imaginação e a memória se conectam às dimensões do passado, presente e futuro; contudo, “A imagem é tudo, salvo um produto direto da imaginação”. (Bachelard,

2003, p. 17). Desse modo, os desenhos feitos pelas crianças provam a capacidade que têm de transpor para o desenho produtos da imaginação.

Dando continuidade as nossas reflexões acerca dos casos narrados, o desenho intitulado *Ponte amiga* nos chamou atenção pelo fato de retratar o conflito interior que a criança sofre e, por vezes, silencia, retratando principalmente a dificuldade de comunicação, bem como o isolamento social na infância. Conforme relato da nossa entrevistada, a criança autora do citado desenho era filho(a) único(a) e demonstrava preocupação no concernente à ansiedade da mãe e seus cuidados excessivos. Neste aspecto, Santos (1991, p. 307), entende que:

O nosso corpo é o que nasceu da MÃE; o nosso espírito é o que a mãe nos transmitiu desde o berço, e que pertence ao patrimônio comunitário. A nossa inteligência é o movimento do nosso corpo aplicado ao movimento da mente e às operações mentais. A mãe persiste como miragem no horizonte imaginário de cada um. **A mãe é a imagem em espelho do nosso corpo e da nossa fantasia.** (grifo nosso).

Com base na narrativa, no desenho e na citação acima, cabe inferir que o comportamento da criança é também, reflexo das relações de afeto que se tem com a mãe. Para o Psicanalista retrocitado, “Mãe-filho é uma unidade que se cinde, separa e distancia na suavidade de um percurso que se inicia pela mão da mãe e que prossegue com o apoio da sua vida interior [...]”. (Santos, 1991, p. 307). Partindo do pressuposto de que os primeiros vínculos afetivos da criança se iniciam pela mãe, compreende-se como a figura da mãe está nas atividades simbólicas realizadas pela criança. Por meio desses desenhos e dos casos relatados, é possível perceber que a arte associada à terapia se traduz em uma linguagem afetiva e ao mesmo tempo curativa.

No segundo desenho, as cores utilizadas pela criança simbolizavam a imaginação, a maldade e a aflição. Como disse a nossa entrevistada: “*ele(a) punha naquilo que pintava e desenhava as suas angústias*”, portanto, os desenhos não eram figurativos, eram indizíveis aos olhos, assim como as suas angústias. Stern (1974, p. 18-19) assim caracteriza essa atitude:

No mundo plástico da criança uma personagem é de certa cor porque exprime a gentileza e um outro é maior porque figura a força. Estas qualificações substituem o raciocínio adulto, no qual uma personagem se mede pela escala da perspectiva visual. **A linguagem plástica da criança é expressão afectiva antes de ser figuração.** (grifo nosso).

Neste aspecto, Stern confirma que a expressão plástica na infância é, sobretudo, expressão afetiva, de sorte que a figuração e a técnica vêm em segundo plano. O fato, no entanto, de a Professora ter permitido que a criança se expressasse abstratamente demonstrou empatia com os problemas de ordem afetiva.

Desse modo, compreendemos o pensamento de Ferraz e Fusari (2009, p. 106), quando explicam que “O desenho e a pintura são experiências que a criança vivencia e aprende a comunicar. A criança não faz uma preparação para desenhar ou pintar, ela apenas diz: eu quero desenha, eu vou pintar”. Ou seja, através do desenho a criança comunica seus sentimentos, símbolos e fantasias.

Vale a pena mencionar, também, o evento da criança que não conseguia ficar sentada, e, portanto, demonstrava ter um mal-estar interno. Para a nossa entrevistada, essa criança tinha uma imaginação enorme. Os desenhos eram compostos por figuras de animais humanizados e, segundo ela, “[...] os animais é que personalizavam afetos”. No seu modo de entender, ela acreditava que, para essa criança “era mais fácil imaginar os animais a funcionar do que os seres humanos”.

Neste sentido, ressaltamos que, “[...] a criação artística da criança é utilizada na educação. Mas esse não é todo o seu domínio. Ela pode estar igualmente na avaliação e mesmo no tratamento de perturbações afectivas e mentais” (Stern, 1974, p. 13). Tal reflexão nos certifica o domínio simbólico-afetivo representado pelo desenho infantil.

O mencionado caso, porém, representa, nas palavras da nossa depoente, “*a possibilidade terapêutica através da arte*”. Para ela, “*É através da expressão e da criação que nós podemos equilibrar as emoções*”. É relevante insistir na necessidade de equilíbrio e educação das emoções.

Sobre o conceito de Educação das Emoções, o psicanalista português João dos Santos nos explica que:

A educação estética é a educação das emoções através de uma forma particular de relação humana- actividade simbólica- desenvolvida a partir de movimentos espontâneos primários, e não através de uma linguagem convencional construída para adultos. A base da educação estética é a livre experiência, que, permitindo a utilização dos instrumentos de linguagem mais elementares, servirá mais tarde para a aprendizagem dirigida e racional. (Santos, 1957, p. 70).

Nesse contexto, compreendemos que a educação das emoções está concatenada à educação estética. Dessa maneira, a educação estética tem a capacidade de explorar diferentes linguagens de comunicação e expressão por meio das emoções.

Além disso, é interessante citar o fato de a Professora exprimir que o pedopsiquiatra João dos Santos foi quem lhe ensinou a perceber o valor simbólico da criação para trabalhar os afetos e os problemas. Ou seja, como psicanalista infantil, ele esteve atento ao valor terapêutico da arte na infância.

Depreende-se daí que a arte é a linguagem interior, é ela que nos permiti simbolizar as emoções. Portanto, “[...] a expressão artística é um meio educativo e um meio terapêutico (Stern, 1974, p. 14). Nisso reside a necessidade de termos professores mais sensíveis, que trabalhem a arte numa abordagem terapêutica e, sobretudo, humanista.

Almeida (2022, p. 49), esclarece que a “Arteterapia é um processo terapêutico que se serve do recurso da expressão a fim de conectar os mundos internos e externos do indivíduo, através de sua simbologia”. A arte quando associada à terapêutica auxilia no processo de autoexpressão e autonomia criativa por meio do deixar fluir.

A Professora ainda tece algumas considerações acerca do lugar da arte no cotidiano das atividades docentes, para ela o ensino de arte deve ter um lugar específico, ou seja, a arte enquanto disciplina pertencente ao currículo, pois segundo a Professora em destaque, a arte deve habitar

*Todas as disciplinas. Mas tem que ser dado um lugar específico. Quer dizer, a criança pinta na turma, na aula, pinta, desenha, ilustra aquilo que quer no seu texto, ilustra os estudos que está a fazer de várias maneiras, com várias técnicas, mas **é importante a existência do atelier no espaço**, onde um grupo não muito grande de crianças [...] esteja em reflexo de braços sobre o papel, sobre a parede do papel que deve estar vertical [...].” (informação verbal)*

Além disso, não podemos deixar de registrar aqui a defesa da Professora em relação à existência de ateliers de arte nas escolas. Diante disso, consideramos essa narrativa um achado, visto que, as palavras da narradora nos conduzem ao entendimento de que, não basta apenas incluir a arte como disciplina compulsória no currículo, é necessário oferecer condições materiais e ações efetivas para que a arte tenha um lugar específico, na escola e na vida dos alunos.

Para tanto, Barbosa (2015, p. 181) explica que “Pela acomodação na dependência, estamos perdendo uma oportunidade de transformar a arte no meio de humanizar a escola e de ajudar a formação de uma identidade cultural”. A autora retrocitada defende a arte como disciplina essencial ao currículo escolar, uma vez que a citada disciplina pode ser considerada como um dos instrumentos de formação identitária e humanizadora dos sujeitos.

Nesta mesma direção, Stern (1974, p. 31) sintetiza o sentido das condições em que a educação por meio da arte deve ser realizada, pois, segundo ele, “Para que a educação artística tenha o alcance que já vimos é indispensável que seja praticada em condições muito boas. Os meios utilizados devem ser eficazes”.

Seguidamente, o autor ressalta que “Não se trata de ocupar a criança algumas horas, mas de usar a sua actividade para a educar”. (Stern, 1974, p. 31). Com isto, é expresso o verdadeiro sentido da educação por via da arte, visto que não basta apenas ocupar a criança com qualquer atividade, pois é necessário que a prática educativa seja antes de tudo um ato criativo, e, sobretudo, que faça sentido para a criança.

Nessa perspectiva, a Professora alerta para o cuidado que se deve ter em organizar as crianças de modo a não competirem umas com as outras:

Mesmo hoje, são dessas escolas que temos um cuidado muito grande em organizar as crianças de forma a não competirem, mas a competição é uma coisa hoje feroz. Basta-se dizer que entidades superiores ministeriais promovem a própria. Saber qual é a produção, as melhores escolas, as que têm os melhores resultados, mas para quê que se quer? Elas podem estudar isso, mas publicar isto, os resultados, os pais vão pôr os filhos nas escolas que têm melhores resultados para eles serem um dia os melhores, percebe. E eu repudio completamente essa filosofia individualista do sucesso. (informação verbal)

Infelizmente, a competição escolar é um fenômeno social cada vez mais crescente em nossa sociedade, é algo que vem sendo naturalizado e ganhando força com a ascensão das sociedades capitalistas e dos governos neoliberais. O sentido e a função da arte, entretanto, não se coadunam com a exclusão simbólica determinada pela competição feroz.

No tocante à competição na educação artística, Stern (1974, pp. 23-24) escreve o seguinte:

Isto conduz-nos a um assunto muito doloroso: os concursos. Há-os organizados em todas as ocasiões; julga-se, classifica-se, elimina-se e recompensa-se. Mas quem se permite julgar e quais são os critérios de apreciação? O espírito de competição está enraizado nos costumes. Quem, melhor do que o educador,

pode medir os seus efeitos perigosos? O concurso falseia o espírito da criação; a criança não deve criar para <<ganhar>>. (grifo nosso).

O autor acentua o quanto a competição, bem como os concursos, falseia o sentido da criação artística na infância. Além disso, o fato de existir um ganhador e um perdedor também mexe com a autoestima da criança. Ao passo que se vende a ideia da possibilidade da existência de crianças prodigiosas, cria-se ainda a idealização de pessoas que supostamente nasceram para vencer. No entanto, o “vencer” não é destino, é consequência do que fazemos, das oportunidades que tivemos; ou seja, nas escolas, se ensina a competir, mas não se aprende quais os efeitos psíquicos e emocionais causados pela competição exacerbada na vida de uma criança.

Como diria Herbert Read (1986, p. 155), “Creio que possuímos nos princípios da arte, que são os princípios de uma atividade criativa, um antídoto para as forças de destruição que hoje ameaçam a existência humana”. Portanto, a arte é manifestação da criação, se recria constantemente no repertório do mundo.

5 Considerações finais

Neste escopo, buscamos demonstrar o que encontramos e ressignificamos durante esse percurso investigativo. Conforma uma análise conclusiva, essencialmente crítica, no sentido de expor as nossas considerações acerca do objetivo expandido no início deste estudo.

Vale ressaltar que o objetivo, bem como o questionamento disposto na problemática deste trabalho, foram se revelando e sendo respondidos no transcorrer da escrita de cada parágrafo.

Sendo assim, trazemos alguns achados desta investigação: o primeiro deles nos revela que, constantemente, estamos dialogando sobre educação, aprendizagem e suas concomitantes, no entanto, deixamos de lado algo igualmente relevante: o sentido de educar-se emocionalmente, melhor expressando, organizar-se interiormente, aprender a controlar os instintos, conter os impulsos, tudo isso também faz parte da formação das pessoas.

Quando a pessoa não se educa emocionalmente, ela retorna ao instinto primitivo, passando, assim, a agir por impulso e instinto. Tal constatação nos direciona ao entendimento de que, quando não há uma educação das emoções ainda na infância, o sujeito vai moldando

o caráter e personalidade por via do imediatismo das ações, ou seja, age mais facilmente pela emoção do que pela razão.

Em uma sociedade como a nossa, é essencial que tenhamos educadores como a Professora participante desta pesquisa; pessoas que viabilizem a criação de *Pontes Amigas* dentro e fora da escola, professores que auxiliem as crianças a expressarem afetos e problemas à sua maneira. É necessário que, na escola, as crianças tenham liberdade para desenhar a suavidade do *Céu e o mar*; que possam viver a *Magia de inverno* e a primavera dos sonhos pueris.

Em continuidade aos achados, entendemos que, por meio da reflexão sobre as práticas desenvolvidas pela Professora em foco, foi possível analisarmos o desenho infantil, observar não somente a espontaneidade expressa no ato criativo, mas, também, a existência ou ausência de alguma (des)ordem emocional transferida para o desenho.

Dessa maneira, a livre expressão na infância é também comunicação. Com isto, queremos dizer que o desenho, em certas ocasiões, tem a capacidade de revelar a intimidade do ser, deixando transparecer aquilo que habita o mundo interior da criança.

Neste aspecto, a educação das emoções se institui como necessidade do ser e, essencialmente, uma urgência do nosso século. Por meio desta análise, surge a reflexão acerca da necessidade de educar emocionalmente as crianças e, também, reeducar os adultos. Portanto, vemos a arte na infância como mediação psicoterapêutica de desenvolvimento da educação das emoções e expressão dos afetos.

Contudo, esses imperativos da arteterapia, analisados e ressignificados durante a constituição deste trabalho, nos transportou ao entendimento daquilo que há décadas foi defendido pelo psicanalista lusitano, o Doutor João dos Santos, para quem a educação estética é sinônimo de educação das emoções.

Com esteio nessa análise, reiteramos a ideia de que a educação das emoções não acontece somente por meio da contemplação da arte, ou mesmo da estetização do sentido de “educar para as emoções”. Isto porque é preciso que esse processo ocorra de modo simbiótico, perfazendo um percurso de dentro para fora e de fora para dentro.

Concluimos que a inclusão da arte nas diversas atividades educativas propicia o desenvolvimento da criatividade e da autonomia da criança por meio da percepção dos próprios sentimentos.

Por fim, cremos nas palavras de Read (1986, p. 29) ao afirmar “que uma criança absorvida num desenho ou em outra atividade criativa qualquer é uma criança feliz”. A criança autônoma provida de atividade criativa, está mais propensa à felicidade, ao autodesenvolvimento.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Cristiane Queiroz de. O conceito de arteterapia para a escola, aluno e professor. **Gestão & Educação**, Conchas-SP, v. 5, n. 02, p. 48-64, 2022.

ARAÚJO, Regiane Rodrigues; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho. Narrativas Estético-biográficas sobre Cecília Menano: pioneira na criação das Escolinhas de Arte (Portugal). **Revista Cocar**. Belém, v. 15, n.33, p. 1-18, 2021.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da educação**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MATANA, Cristiano; CARLESSO, Janaína Pereira Pretto; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio: uma revisão de literatura. **Redin**. Taquara-RS, FACCAT, v. 12, n. 2, p. 198-217, 2023.

READ, Herbert. **A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte**. Tradução de Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

SANTOS, João dos. **Educação Estética e Ensino Escolar**. (Conferência proferida em 1957). Publicações Europa- Américas.

SANTOS, João dos. **Ensaaios sobre Educação – II: O falar das letras**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

SOUSA, Ana Carolina Tavares; DOLCI, Luciana Netto. Arte e Educação Estético-Ambiental: entrelaçamentos possíveis em experiências com objetos de aprendizagem poéticos. **Revista Cocar**. Belém, v. 9, n.37, p. 1-15, 2023.

STERN, Arno. **Aspectos e técnicas da Pintura de Crianças**. Lisboa: Livros Horizontes, 1974.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Sobre as autoras

Regiane Rodrigues Araújo

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Formação de Professores para o Ensino Superior e Educação Continuada. Graduada em Filosofia e Pedagogia. Integrante da Linha de Pesquisa História e Educação Comparada -LHEC/UFC. E-mail:regiane.faced@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-2445-6972>

Patrícia Helena Carvalho Holanda

É psicóloga, mestra, doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNB. Cursou o estágio sênior, bolsista-CAPES, na Universidade de Lisboa. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, vinculada a linha de pesquisas História e Educação Comparada, sob sua coordenação. É cadastrada no grupo de pesquisa do CNPq, Avaliação Curricular certificado pela UFC. E-mail: patricia.holanda2003@yahoo.com.br Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8233-1190>

Recebido em: 05/04/2024

Aceito para publicação em: 18/10/2024